

Metodologias quantitativas/metodologias qualitativas: mais do que uma questão de preferência

Quantitative methodologies/qualitative methodologies: More than a matter of preference

Amélia Augusto



Electronic version

URL: <http://sociologico.revues.org/1073>

DOI: 10.4000/sociologico.1073

ISSN: 2182-7427

Publisher

CICS.NOVA - Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa

Printed version

Number of pages: 73-77

ISSN: 0872-8380

Electronic reference

Amélia Augusto, « Metodologias quantitativas/metodologias qualitativas: mais do que uma questão de preferência », *Forum Sociológico* [Online], 24 | 2014, posto online no dia 01 Novembro 2014, consultado o 30 Setembro 2016. URL : <http://sociologico.revues.org/1073> ; DOI : 10.4000/sociologico.1073

This text was automatically generated on 30 septembre 2016.

© CICS.NOVA

Metodologias quantitativas/ metodologias qualitativas: mais do que uma questão de preferência¹

Quantitative methodologies/qualitative methodologies: More than a matter of preference

Amélia Augusto

1. Os termos do debate

- 1 Há várias décadas que temos vindo a assistir a um debate intenso e continuado entre paradigmas quantitativos e qualitativos. Estes paradigmas operam sob diferentes assunções ontológicas, epistemológicas e axiológicas no que concerne ao propósito e à natureza da pesquisa.
- 2 Diferenças ontológicas sobre a natureza percebida da realidade: o paradigma positivista acredita numa realidade única que pode ser medida de forma confiável e válida usando princípios científicos; o paradigma interpretativo acredita em realidades múltiplas, socialmente construídas, que geram diferentes significados para diferentes indivíduos, e cuja interpretação depende do olhar do investigador. Diferenças epistemológicas, baseadas na relação entre investigador e investigados: o paradigma positivista defende o afastamento e a separação entre investigador e objeto de estudo; para o paradigma interpretativo, estas duas entidades estão dependentes uma da outra, sendo que a relação privilegiada do investigador com os investigados beneficia a pesquisa. Diferenças axiológicas, focadas no papel dos valores na pesquisa: os positivistas defendem que a pesquisa deve ser isenta de valores; e os defensores do paradigma interpretativo dizem que a investigação é em grande medida influenciada pelos valores do investigador (Onwuegbuzie e Leech, 2005).

- 3 As abordagens quantitativas e qualitativas diferem, assim, nos seus fundamentos filosóficos e metateóricos a respeito da natureza da realidade (ontologia), do conhecimento (epistemologia), dos princípios que inspiram e governam a investigação científica (metodologia) e nos instrumentos relativos à implementação prática de uma pesquisa (métodos e técnicas de investigação) (Gelo, Braakmann e Benetka, 2008).
- 4 Tendo por referência as abordagens quantitativas e qualitativas podemos identificar três principais visões do mundo: o objetivismo (em que a realidade é entendida como única e tangível, existindo independentemente da consciência), o subjetivismo (em que a experiência subjetiva é fundamental para qualquer processo de conhecimento) e o construtivismo (que entende o conhecimento como uma construção resultante da interação entre indivíduos e o seu mundo social).
- 5 Nem sempre os termos deste debate entre metodologias quantitativas e qualitativas (e os respectivos paradigmas que os sustentam) são corretamente enunciados, redundando, algumas das vezes, mais em querelas do que em discussões científicas, criando-se continuamente focos para campos em conflito. Por vezes, parece que estar do lado das metodologias quantitativas implica, tão-só, preferir usar inquéritos e análises estatísticas para investigar a realidade, e que estar do lado das metodologias qualitativas significa optar por histórias de vida ou entrevistas em profundidade. A pesquisa e a metodologia não podem ser confundidas com as técnicas de investigação, nem são estas que definem a natureza da pesquisa.
- 6 Não raramente cruzamo-nos com investigações que sustentam a defesa da sua opção por uma pesquisa qualitativa apenas com base nos métodos de recolha de dados utilizados. A metodologia reside na interação entre teoria e método e lida com questões que moldam o curso da pesquisa. Está relacionada com os laços que existem entre o que queremos saber e os caminhos a trilhar para lá chegar, clarifica o modo como o curso da pesquisa é determinado pela natureza dos questionamentos de partida e pelos fenómenos em estudo. Daqui se deve depreender que, para um investigador, escolher uma metodologia de pesquisa não pode ser uma mera questão de preferência. Essa escolha terá de estar relacionada com as questões que o investigador coloca, com a natureza do que se pretende conhecer, com o tipo de respostas que espera providenciar.
- 7 É importante não reificar os nossos hábitos de investigação, caindo em posições dogmáticas que ditam como conduzir toda e qualquer investigação. A pesquisa implica a resolução de problemas em cada fase da investigação, e não a adoção de procedimentos rotineiros, muito à semelhança de um livro de receitas. A questão não pode ser que os cientistas sociais quantitativos adoram números e os qualitativos os abominam – é este tipo de posicionamento que gera as querelas. As razões da escolha têm de ser mais profundas e complexas e refletir mais do que um gosto ou preferência.
- 8 Um claro interesse teórico tem um importante papel na definição dos propósitos da pesquisa e no seu desenho, não obstante a investigação não ter de ser comandada pela teoria, está relacionada com ela. A opção por uma metodologia quantitativa ou qualitativa tem de estar de acordo tanto com os objetivos da pesquisa como com os atributos dos objetos em estudo. Não é, por isso, possível colocar os métodos de pesquisa numa hierarquia de excelência, dado que diferentes métodos são apropriados para responder a diferentes propósitos e questões de investigação. Tal como sugere Smith (1991), a réplica não pode constituir um objetivo, assim como a opção por uma metodologia não pode

seguir o uso automático de uma ferramenta favorita, independentemente de ela ser ou não apropriada para a tarefa.

- 9 Tanto o paradigma quantitativo como o qualitativo têm vindo a alterar algumas das suas assunções, fruto de debates internos, pelo que não podem ser entendidos como posicionamentos monolíticos e imutáveis. Como resultado de diferentes posições teóricas que informam a pesquisa qualitativa, esta não está unificada. Existe hoje um debate sobre o que constitui o eixo central da pesquisa qualitativa. Por exemplo, Silverman (1993) oferece quatro definições sobre pesquisa qualitativa e ainda lhe acrescenta a sua própria. O debate é tal que Denzin e Lincoln (1994) são forçados a concluir que a pesquisa qualitativa é definida primariamente por uma série de tensões, contradições e limitações básicas.
- 10 Mesmo os laços que se estabelecem entre pesquisa qualitativa e a perspectiva teórica não são isentos de debate – enquanto alguns investigadores dizem que a investigação deve ser guiada pela teoria, outros defendem que a ligação entre a teoria e a investigação é exagerada. Inclusive no âmbito das abordagens qualitativas, há diferenças entre os que acreditam que há um “mundo lá fora”, o qual pode ficar acessível através de métodos particulares, e os que acreditam que este mundo é socialmente construído pelo investigador e pelos outros participantes. Os primeiros admitem que o investigador pode participar no e documentar o “mundo exterior” com um mínimo de intrusão. Os segundos defendem que as perceções do investigador e dos outros participantes num mundo socialmente construído estão entretecidas.

2. Pesquisa qualitativa: exigências e constrangimentos

- 11 Muitas são as contribuições que, no campo das metodologias, discutem o rigor e a qualidade científica da pesquisa qualitativa. Como parte deste debate de que temos vindo a dar conta, os praticantes exclusivistas da investigação quantitativa têm lançado ataques aos que consideram ser os princípios pouco científicos e rigorosos que governam a pesquisa qualitativa. Como resultado destes ataques, é muito mais profícua a produção de textos que assumem a defesa e procuram provar o rigor da pesquisa qualitativa, do que o número de textos que se dedicam a discutir e a atestar o rigor da pesquisa quantitativa. De facto, parece ser mais fácil lançar ataques à pesquisa qualitativa. Contudo, e paradoxalmente, esta é muito difícil de fazer e está repleta de armadilhas, sobretudo para os investigadores menos experientes. E, por isso, é surpreendente perceber que na origem da opção por uma metodologia qualitativa possa estar a ideia de que esta é mais fácil ou mais rápida do que a investigação quantitativa.
- 12 A qualidade da pesquisa qualitativa deve ser entendida nos termos dos posicionamentos epistemológicos e ontológicos desse tipo de pesquisa, e não por contraste com os fundamentos positivistas. No entanto, tal não significa que na pesquisa qualitativa “vale tudo” e que tudo é aceitável. Uma pesquisa qualitativa pobre, não reflexiva e meramente descritiva, cuja análise nada acrescenta ao conhecimento de um fenómeno, facilmente cai no domínio da anedota. São menos raras do que seria de esperar as investigações que se dizem qualitativas, usam métodos qualitativos, mas depois apresentam os resultados sob a forma de tabelas, privilegiando a quantificação (Britten, 2011) e nas quais não se vislumbra qualquer análise qualitativa.

- 13 Feita como deve ser, a pesquisa qualitativa é rigorosa, exige trabalho intenso e investigadores treinados, pelo que consome muito tempo. Não existem, no entanto, soluções fáceis ou mecânicas que possam garantir a ausência de erros. Claro que é importante avaliar a qualidade da pesquisa qualitativa, e embora esta questão esteja ancorada num debate epistemológico sobre a natureza do conhecimento produzido, existem formas de tentar evitar o erro e perseguir a validade, as quais exigem integridade e um exercício de julgamento por parte do investigador, que incluem, entre outras, a triangulação (que não deve ser entendida como um teste de validade), a reflexividade, a atenção aos casos desviantes e a relevância. Isto não significa, de todo, que seja possível desenvolver um único conjunto de *guidelines* para avaliar a qualidade da pesquisa qualitativa. Segundo Pearce (2012), a estratégia básica para assegurar o rigor e, logo, a qualidade é um desenho sistemático e autoconsciente da pesquisa. E isto aplica-se tanto à investigação qualitativa como à quantitativa.
- 14 É importante que na defesa da pesquisa qualitativa e das suas potencialidades se tenha o cuidado de diferenciar entre uma pesquisa rigorosa, bem desenhada, e uma pesquisa que, não obstante poder ser bem-intencionada, não está focada numa linha coerente de pesquisa, está pobremente implementada e procura suplementar a quantificação com entrevistas semiestruturadas (Sofaer, 1999).
- 15 A necessidade que os investigadores que trabalham com paradigmas qualitativos enfrentam de provar o rigor e a validade da sua pesquisa parece ganhar ainda mais relevância em pesquisas na área da saúde. Fruto de uma cultura científica marcada pelo positivismo, onde sempre predominaram as metodologias quantitativas, a cultura médica, não raramente, recebe com alguma incompreensão e desconfiança as solicitações de investigadores apostados em desenvolver pesquisas qualitativas. As autorizações que são necessárias para investigar nestes contextos implicam um processo lento, burocrático e complexo, que é ainda mais exigente quando se trata de autorizar pesquisas qualitativas. A solicitação dos objetivos, do desenho da pesquisa e dos instrumentos que irão ser aplicados está, por vezes, informada de apriorismos e expectativas relativamente a instrumentos de quantificação, nomeadamente questionários, devido ao predomínio do paradigma quantitativo, reconhecido como o único cientificamente válido. A isso acresce o facto de as comissões de ética, a quem cabe autorizar a pesquisa, dificilmente terem conhecimentos que lhes permitam julgar um protocolo qualitativo, já que são quase exclusivamente compostas por médicos.
- 16 Há autores que têm vindo a chamar a atenção para uma certa re-emergência do paradigma positivista, como resultado do clima político dominante (Navarro, 2005) e de forças políticas e institucionais que estruturam as políticas de investigação e financiam a pesquisa (Gwyther e Possani-Inesedi, 2009; Brinkmann, 2012).
- 17 Gwyther e Possani-Inesedi (2009), referindo-se a um artigo de Denzin e Lincoln (2000), em que estes dão conta do estado da arte da pesquisa qualitativa e traçam o seu futuro, dizem que o que os autores enunciam como a norma ou o tido por garantido na área das metodologias qualitativas ainda é algo marginal em muitos países, dando como exemplo o seu próprio país, a Austrália. As autoras descrevem uma série de factos estranhos aos investigadores e mesmo à academia, que dificultam este tipo de pesquisa. Politicamente, referem a existência de um neoconservadorismo e, economicamente, de um neoliberalismo, que forçam as universidades a adotar um ambiente mais comercial e empresarial.

- 18 Falam em comercialização, num sistema caracterizado pela pressão sobre os académicos para atraírem financiamento externo e para serem financeiramente mais produtivos na sua pesquisa, o que gera uma batalha por recursos escassos. A estes fatores acrescentam os argumentos dos painéis de avaliação das propostas de investigação crescentemente hostis às metodologias qualitativas. As autoras dão conta do reduzido número de investigações qualitativas que são financiadas, o que, argumentam, terá necessariamente impacto nas decisões dos investigadores (sobretudo dos jovens investigadores, acrescento eu) de se envolverem, ou não, na defesa de pontos de vista qualitativos e interpretativos.
- 19 Também Brinkmann (2012) refere o ressurgimento do positivismo, desta feita não como posição filosófica, e sim como uma abordagem burocrática ao financiamento da investigação, relacionado com o que designa por “cultura global de auditoria”. Sugere que chamemos a este positivismo positivismo económico, de modo a distingui-lo do positivismo filosófico que, no seu entender, é ainda assim bem melhor. Na comunicação que proferiu na 17.^a Conferência de Pesquisa Qualitativa em Saúde, em 2011, alertou ainda para o perigo do que designou por MacDonalidização da pesquisa qualitativa na atual sociedade de consumo, argumentando que este tipo de pesquisa tem crescentemente vindo a ser regida pelos princípios da eficiência, da calculabilidade, da previsibilidade e do controlo, e sugeriu que a mesma fosse repensada como *craftsmanship*, por oposição à experiência uniformizadora providenciada pela MacDonalidização.
- 20 Navarro (2005), referindo-se ao clima político dos Estados Unidos, diz que o valor e a qualidade do investigador qualitativo é de novo um tópico de debate, salientando que hoje o trabalho qualitativo é marginalizado por muitas instituições que financiam a pesquisa e publicam os seus resultados. No seu entender, as recentes sugestões no sentido de integrar métodos, com vista a ultrapassar a dicotomia quantitativo/qualitativo, resultam das pressões reais dos financiadores e das revistas científicas para o uso de métodos quantitativos ou para o desenho de investigações que usam métodos mistos.
- 21 De facto, a literatura mais recente na área da metodologia em ciências sociais tem vindo a dar conta de um número cada vez maior de autores que preconizam a ultrapassagem do debate metodologia quantitativa/metodologia qualitativa pela adoção de um novo posicionamento que designaram por métodos mistos (*mixed methods research*) (Tashakkori e Teddlie, 2003; Onwuegbuzie e Leech, 2005; Gelo, Braakmann e Benetka, 2008; Pearce, 2012).
- 22 Para Pearce (2012), os valores e as crenças de como a investigação deve ser feita variam ao longo dos tempos. Considera que existem três paradigmas comumente aceites na sociologia, se não mesmo diretamente referenciados: o paradigma construtivista ou qualitativo, o quantitativo ou positivista e o recente paradigma pragmático, o qual advoga o uso da pesquisa de métodos mistos. No seu entender, a tensão entre paradigma quantitativo e qualitativo tem vindo a diminuir, em parte, devido a este tipo de pesquisa.
- 23 Também Onwuegbuzie e Leech (2005) referem a atual existência desses mesmos três paradigmas e advogam a passagem de uni-investigadores (investigadores que se cingem exclusivamente a uma pesquisa quantitativa ou qualitativa) para bi-investigadores (que usam tanto métodos quantitativos como qualitativos), numa abordagem de métodos mistos, os quais designam por “investigadores pragmáticos”. Estes autores argumentam que a ligação entre paradigma de investigação e metodologia de investigação não é sacrossanta, e que a melhor forma de atender à universalidade epistemológica é a abordagem dos métodos mistos.

- 24 Tashakkori e Teddlie (2003) defendem o ensino de cursos de métodos mistos de modo integrado e complementar, devido aos desafios da interferência do ensino como ferramenta de investigação. Argumentam que a pesquisa qualitativa é necessariamente complementar à pesquisa quantitativa, e que nenhuma delas é suficiente por si só. Esta última ideia está presente em muitas destas propostas que advogam a pesquisa de métodos mistos, e muito particularmente na área da saúde, onde o papel que parece ser conferido às metodologias qualitativas é o de complementar, beneficiar ou aumentar o potencial das pesquisas quantitativas. De certo modo, esta proposta parece não reconhecer o potencial das metodologias qualitativas em desenvolverem, por si só, estudos que contribuam para o conhecimento em ciências sociais, nomeadamente na área da saúde.
- 25 Gelo, Braakmann e Benetka (2008) entendem que a melhor forma de ultrapassar este debate é promover um conjunto de investigações metodologicamente integradas e empiricamente baseadas, orientadas para as práticas, ou seja, um conjunto de investigações baseadas na pesquisa de métodos mistos. Este é, consideram, o modo de ultrapassar o que designaram por “assuntos filosóficos controversos”.

3. Considerações finais

- 26 Facilmente se perceberá que algumas das questões que são trazidas pelos proponentes da pesquisa de métodos mistos, mais do que encerrarem o debate, como eles pretendem, têm o potencial de lançar os termos de um novo debate. Este debate e a análise deste paradigma pragmático devem incluir questões epistemológicas, ontológicas, axiológicas e de metodologia, e não ficarem-se apenas na possibilidade prática de conciliar métodos quantitativos e qualitativos. A proposta de um novo paradigma deve constituir bem mais do que um “quick fix” para pôr termo ao debate, debate esse do qual não têm necessariamente de emergir posicionamentos certos e errados, vencedores e perdedores.
- 27 Os debates, que sempre marcaram as ciências sociais, e muito particularmente a sociologia, denotam a vitalidade e o dinamismo do complexo empreendimento que é investigar e analisar o social. Não devemos, por isso, ter receio dos debates. Já as querelas, essas, devem ficar fora das discussões científicas.

BIBLIOGRAPHY

BRINKMANN, S. (2012), “Qualitative research between craftsmanship and McDonaldization. A keynote address from the 17th Qualitative Health Research Conference”, *Qualitative Studies*, vol. 3, 1, 56-68.

BRITTEN, N. (2011), “Qualitative research on health communication: what can it contribute?”, *Patient Education and Counseling*, 82, 384-388.

DENZIN, N. e Y. Lincoln (orgs.) (1994), *Handbook of Qualitative Research*, London, Sage.

- DENZIN, N. e Y. Lincoln (eds.) (2000), *Handbook of qualitative research* (2nd ed.). Thousand Oaks, CA, Sage.
- GELO, O., D. Braakmann e G. Benetka (2008), "Quantitative and Qualitative Research: Beyond the Debate", *Integr Psych Behav*, 42, 266-290.
- GWYOTHER, G. e A. Possani-Inedesi (2009), "Methodologies a la carte: an examination of emerging qualitative methodologies in social research", *International Journal of Social Research Methodology*, vol. 12, 99-115.
- NAVARRO, V. (2005), "Constructing a teacher of qualitative methods: a reflexion", *International Journal of Social Research Methodology*, vol. 8, 5, 419-435.
- ONWUEGBUZIE, A. e N. Leech (2005), "Taking de «Q» out of research: teaching research methodology without de divide between quantitative and qualitative paradigms", *Quality & Quantity*, 39, 267-296.
- PEARCE, L. D. (2012), "Mixed methods inquiry in Sociology", *American Behavioral Scientist*, 56, 829-848.
- SERRANO, M. (2007), "Más allá del debate cuantitativo/cualitativo: la necesidad de aplicar metodologías participativas conversacionales", *Política y Sociedad*, vol. 4, 13-29.
- SILVERMAN, D. (1993), *Interpreting Qualitative Data: Methods for Analysing Talk, Text and Interaction*, London, Sage.
- SMITH, J. (1991), "A methodology for twenty-first century sociology", *Social Forces*, 70, 1-17.
- SOFAER, S. (1999), "Qualitative methods: what are they and why use them?", *Health Services Research*, 34, 1101-18.
- TASHAKKORI, A. e C. Teddlie (2003), *The Sage Handbook of Mixed Methods Research in Social & Behavioral Research*, London, Sage.

NOTES

1. Comunicação apresentada no V Congresso Ibero-Americano de Pesquisa Qualitativa em Saúde – Circulação de Saberes e Desafios em Saúde, realizado em Lisboa entre 11 e 13 de Outubro de 2012.

ABSTRACTS

O presente artigo enuncia algumas das diferentes assunções epistemológicas, axiológicas e ontológicas que estão subjacentes ao paradigma quantitativo e ao paradigma qualitativo e que têm alimentado um longo debate entre metodologias de investigação. Discutem-se os termos algo dogmáticos e erróneos que têm informado muito deste debate, os quais resultam mais em querelas e em posicionamentos irredutíveis do que propriamente em debates científicos. Argumenta-se que, para um investigador, escolher uma metodologia de pesquisa não pode ser uma questão de preferência. Essa escolha terá de estar relacionada com as questões que o

investigador coloca, com a natureza do que se pretende conhecer, com o tipo de respostas que espera providenciar.

Discutem-se, ainda, algumas das dificuldades que se colocam à realização de pesquisa qualitativa, as quais resultam não só da natureza e das exigências subjacentes a uma tal pesquisa, mas também de fatores exteriores à pesquisa e estranhos ao investigador que a condicionam.

The paper outlines some of the different epistemological, axiological and ontological assumptions that underlie the quantitative and qualitative paradigms which have fueled a long debate between research methodologies. We discuss the sometimes dogmatic and erroneous terms that have determined that to choose a research methodology can not be, to a researcher, a matter of preference. This choice must be related to the issues raised by the researcher, with the nature of what he wants to know and the answers he expects to provide.

We also discuss some of the difficulties faced by qualitative research, some of which result not only from the nature and requirements underlying such research, but also from external factors, for which the researcher has no responsibility, that constrain it.

INDEX

Keywords: qualitative methodologies, quantitative methodologies, mixed methods, researcher

Palavras-chave: metodologias qualitativas, metodologias quantitativas, métodos mistos, investigador